

A identidade de um certo olhar infantil

POR MARIA LÚCIA DAL FARRA, UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, BRASIL

O trabalho que aqui se apresenta foi extraído do volume que reúne as comunicações apresentadas no colóquio sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, realizado em Paris, em 1984, cujo título é «Les Litteratures Africaines de Langue Portugaise». Sendo a sua autora brasileira, encontram-se no seu corpo algumas marcas da perspectiva de quem não é moçambicano e que se dirige a recepto-

res também estrangeiros (são exemplos evidentes a explicação que se dá do significado de «machamba» e a referência a Luís Bernardo Honwana como «o moçambicano». Optou-se, entretanto, pela transcrição sem adaptações, como aliás, convém, fazendo esta chamada de atenção para situar o leitor, que, com alguma justiça, acharia estranho o aparecimento das referidas marcas.

Com excepção de «Dina», que é em terceira pessoa, os restantes seis contos de *Nós matámos o Cão Tinhoso* do moçambicano Luís Bernardo Honwana (1) são filtrados, ora pelo olhar de um narrador-personagem criança, ora pela visão mais adulta desse mesmo narrador. Digo mesmo narrador porque, embora outro, a sua condição é sempre igual, a de ser tomado, apesar de tudo, como um eterno pequenino, já que as coordenadas sociais que o envolvem enquanto colonizado procuram impedir nele, seja como personagem, seja como narrador, o exercício da sua maturidade social.

O flagrante desta circunstância de interdição do crescimento moral e seus corolários está claramente exposto na figura do negro de «A Velhota» e vale para as outras situações. Aí, é justamente a responsabilidade de filho mais velho, de arrimo da família, portanto é a consciência adulta que, contraditoriamente, proíbe que o narrador-personagem se faça respeitar como ser humano. Ele se deixa agredir, ele permite ser ridicularizado e tomado como medroso pela simples razão de que tem a preservar o seu ganha-pão. Em «Dina», o mesmo se passa. Ultrajado em sua honra, o negro Madala se cala e se vê obrigado a engolir, no trago do vinho ofe-

recido pelo seu capataz e agressor, o próprio orgulho.

Eis como a covardia percorre, no livro, o trajecto de sinónimo de sabedoria e de instinto de sobrevivência. Entretanto, jamais haverá para esta forma de comportamento uma remissão. Como se diz em «Papá, cobra e eu», aquele que se torna manso morre um pouco cada dia. Por outro lado, também a revolta solitária não abre saída: ao cavalo doido «dá-se-lhe um tiro e tudo acaba».

Tanto é assim que mesmo a aquele que, sem desafiar o colonizador, tenta somente se calçar à altura deste, se reserva a morte. É o caso de Vírgula Oito de «Nhinguitimo» que, por cultivar uma machamba própria (um campo de lavoura), é caçado como inimigo feroz. A explicação oficial mais apaziguadora é a de que ele enlouqueceu: «Homens! Peguem em armas e vamos abater esse negro antes que ele mate mais gente!»

Mas então, como narrar esta realidade de constrangimento absoluto, como recuperar esta dignidade solapada senão adoptando estrategicamente o ponto de vista de um narrador-criança que denuncie, através de uma ingenuidade comovente, aquilo a que são obrigados os maiores de idade? Não é à toa que em todos os con-

tos de *Nós matámos o Cão Tinhoso* o páthos seja mantido em altíssima intensidade e que o autor o regule com a finalidade de atingir directamente o leitor, solicitando-lhe a interpretação que as crianças, pelas suas limitações de experiência real, são incapazes de dar.

Em «As mãos dos pretos» é um narrador-criança quem nos impele a descobrir, através de uma mesma pergunta obsessiva a diferentes pessoas da sua hierarquia infantil, porque as palmas das mãos dos negros são iguais às dos brancos. O leitor colhe, dentre todas as respostas, a de que Deus quis mostrar com isso que «o que os homens fazem é feito com mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de de serem qualquer outra coisa são homens».

O «Inventário de imóveis e jacentes» é um «flash» nocturno descrito também por uma criança mestiça. Seu monólogo passeia pelo apertado da casa onde moram oito pessoas, pelo clima asfíxiante em que dorme a família pois que a minguada habitação vive hermeticamente fechada. Ele ignora a causa da prisão do pai, inválido no leito desde então, e refere lateralmente o lugar que ocupam, ao lado de outros objectos domésticos, os livros hoje imóveis

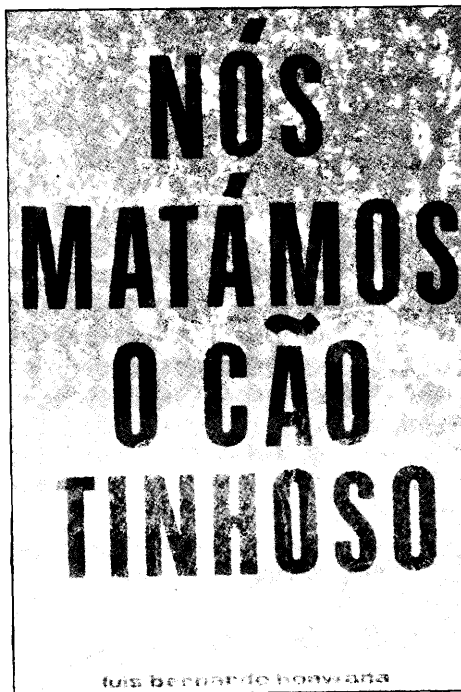
do pai. É assim que tudo jaz lá dentro.

Mas é no conto-título que o páthos atinge, propositadamente, um limite quase insuportável para o leitor. A personagem que, na sua ronda vagabunda e capenga pela vila africana, guia o narrador pelas deambulações da estória, é um velho cão emprestado: para ele se prepara e se dirige a mira que detonará o crime.

Não fosse ainda esta perseguição — aliás, puramente narrativa, pois que o cão nem sequer se esconde, o que torna tudo mais inquietante —, a atmosfera patética se dilata pela mudez da vítima. Não se sabe o que ele percebe e o que não percebe da trama que se arma à sua volta e se fecha sobre eie situando-o no alvo. Não se pode apostar nem mesmo no seu impulso animal. Avariado pelos anos, seu instinto nos engana e ora o conduz a manifestar imensa confiança nos seus futuros algozes, ora tudo adivinha, impossibilitado, contudo, de lhe cavar uma fresta para a fuga.

Rodeiam esta incapacidade central outras mais. A mais aliada do Tinno, a Isaura, a única de todos os moleques da escola a dividir com ele lanches, carinhos e segredos, é inabilitada para lhe oferecer qualquer préstimo, salvo o do afecto e dos gritos: Isaura é «maluquinha», é uma criança excepcional. O narrador-personagem, então, é um menino da quarta classe. Seu olhar infantil e, sobretudo, sua boa fé e ingenuidade dotam-no de uma incompetência que em tudo é semelhante à de Isaura e à de Tinhoso. Trata-se de uma mesma deficiência mas, o que é pior, de uma excepcionalidade que se exerce contra seus pares e contra si mesmo, visto que é ignorante das suas próprias limitações de entendimento.

É por esta via que o páthos se adensa e faz tudo explodir nos SGs e nos 3As da calibre 12 de Dois Canos e da Ponto 22 de Um Tiro, projecteis — e o leitor intuirá — não endereçados somente ao cão. Sim, porque a ignorância não é privilégio dos agenciadores do crime: o Senhor Administrador e o seu coadjuvante, o Doutor da Veterinária.



Este assistente político tem uma função ambígua. Ele é o médico dos animais e é parceiro do Administrador no sete-e-meio, o que lhe confere, ironicamente, uma autoridade de controlador da caça da região. Astucioso, ele acaba canalizando o pendor lúdico da criançada da escola para investilo contra o cão. As razões invocadas são muitas e uma só: as chagas, o mau cheiro, a velhice escancarada do Tinhoso, a mancha negra e nojenta que ele borra no cenário aseado da vila. O Doutor quer, «inocentemente», dar somente «um prazer à malta porque sei que vocês gostam de dar uns tiritos de vez em quando e eu não levo a mal».

O cão, entretanto, já começa a se adentrar no mítico. A menina conta que ele escapou da guerra e da bomba atômica, que percorreu até à vila uma «distância monstra» para não morrer. Tinhoso é, em verdade, muito antigo: tem um andar de carroça velha e sua cabeça faz balanço como a dos bois. Os outros cães o evitam, o que faz dele, finalmente, um ser especial: seus olhos azuis, como os de pessoa, estão constantemente na eminência de dizer um não sei o quê.

Quem são as doze crianças que se encarregam inconsequentes da execução do pobre animal? São

maguerres (colonos) e monhés (mestiços de indiano com preto), vocábulos adaptados ao vernáculo e, no mínimo, pejorativos. A língua oficial é o português, assim como o são todas as autoridades, a começar pela professora, sempre a ralhar com Isaura para que lave as mãos que há pouco acariciavam o Tinhoso, sempre a inquirir dos alunos se seus pais não lhes dão educação em casa.

De maneira que aquilo que as crianças, convertidas em instrumentos de uma ordem superior, estranha e arbitrária, matarão no cão, será a própria diferença, a própria identidade que elas, como mestiços, expõem a olhos nus diante do colonizador. Disto talvez só o Tinhoso se aperceba. Ele as encara como aliadas, tentando inutilmente indicar a sua cumplicidade no afã com que roça com sofreguidão as pernas dos pequenos carrascos, minutos antes de eles mesmos, inconscientes, se imolarem simbolicamente no indefeso animal.

Graças ao ponto de vista de uma criança, tudo isto se passa sem nenhum entrave e sem nenhuma interpolação mais criteriosa, e o silêncio da puerilidade inocente só é rompido pelo estrondo dos tiros e da fiel execução da ordem vigente.

A inquietação do leitor já caminhou, entretanto, do sobressalto à impotência absoluta, acabanando que está por ter sido, pelo acto de leitura, chamado a intervir sem, no entanto ter podido modificar o rumo dos acontecimentos. Resta-lhe penitenciar-se por ter sido somente leitor de uma História que lhe permanecerá para sempre indelével na sua experiência concreta de um mundo que se recusa a ser, a partir de agora tão longínquo.

NOTA:

As citações no original são da edição brasileira — Ática, S. Paulo, 1980. — E encontram-se, pela ordem do seu aparecimento no texto, nas pp. 72, 96, 77 e 17, o que corresponde às pp. 95, 123, 101 e 18, respectivamente, na edição da Académica Ld., 1975